Henry Chichele e sua tumba: sobre imagem, memória e materialidade no medievo

Amanda Basilio Santos[1]

Profa. Dra. Carla Rodrigues Gastaud[2]

Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos[3]

Resumo: Este artigo é um recorte da pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP-UFPEL), e pretendemos aqui nos focar na análise da tumba transi do arcebispo Henry Chichele do século XV, avaliando os elementos iconográficos que são utilizados para criar a sua memória e como estes elementos simbólicos podem ser associados a um contexto maior, associando os mesmos a discussões mais amplas sobre os usos da materialidade e da imagem durante o medievo.

Palavras-chave: Iconografia; Medievo; Tumbas Transi; Memória.

Henry Chichele e sua tumba: sobre imagem, memória e materialidade no medievo

---

[1] Especialista em Artes (PPGA-UFPEL); Mestranda em História (PPGH-UFPEL) e em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP-UFPEL). Membro do LAPI (Laboratório de Política e Imagem da UFPEL) e Bolsista CAPES. E-mail: amanda_hatsh@yahoo.com.br

[2] Possui graduação em História pela Universidade Federal de Pelotas (1994), graduação em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (1987), mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2009). É professora adjunta da Universidade Federal de Pelotas no Curso de Museologia e no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Tem experiência na área de História, com ênfase em Memória Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: museu, educação em museus, narrativas, escritas de si e cultura escrita. Atualmente é diretora do Museu do Doce da UFPel e coordena o projeto O tempo da fábrica: inventário das memórias da extinta Laneira Brasileira S.A.

[3] Licenciado em Educação Artística, pelo Instituto de Letras e Artes da Universidade Federal de Pelotas (1982). Especialista em Arte e Cultura Barroca, pelo Instituto de Artes e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto (1991). Mestre em Teoria, Crítica e História da Arte, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1997). Doutor em Arquitetura e Urbanismo, Área de Conservação e Restauro, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (2007). Atualmente, é professor associado da Universidade Federal de Pelotas/UFPel. Integra o corpo docente do Curso de Especialização em Arte, do Centro de Artes da UFPel e do Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, do Instituto de Ciências Humanas/UFPel. É professor colaborador do Curso de Mestrado em Artes Visuais do Centro de Artes da UFPel. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em História da Arte e em Patrimônio Cultural. Atua, principalmente, nos seguintes temas: patrimônio cultural, história da arte e história da arquitetura.

Abstract: This article is a part of the research in development in the master's degree in Social Memory and Cultural Heritage (PPGMP-UFPEL), and we intend here to focus on the analysis of the transi tomb of archbishop Henry Chichele of the XV century, evaluating the iconographic elements that are used to create Its memory and how these symbolic elements can be associated with a larger context, associating them with greater discussions about the uses of materiality and image during the Middle Ages.

Keywords: Iconography; Middle Ages; Transi Tombs; Memory.

Introdução

Este trabalho é um recorte da pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP-UFPel), das representações mortuárias do século XV na Inglaterra, conhecidos como *tumbas transi*, ou *tumbas cadáveres*[4], pretende explorar uma nova percepção da experiência representativa da morte, assim como analisar a função memorial destas fontes tumulares. Pretendemos destacar que as tumbas cadáveres possuem uma dupla instância memorial: ao mesmo tempo em que servem à memória do falecido representado em sua *gisant*[5], simultaneamente ela serve aos vivos como um apelo à memória da mortalidade. É assim, a lembrança dos que se foram, e a lembrança da morte daqueles que ficam, desta forma sendo um veículo de comunicação entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos que as contemplam. É um patrimônio que ao mesmo tempo atua como memorização do passado, através da manutenção da memória dos falecidos, porém ativam constantemente a memória dos indivíduos que as lobrigam de sua própria condição fugaz.

As Tumbas Cadáveres são parte integrante da produção do espaço urbano, ocupando um local de prestígio na disposição de sua malha, assim como no ambiente eclesiástico em que se encontram. A produção simbólica, vista através de seus elementos iconográficos, representa um importante momento histórico, assim como as escolhas efetuadas por um determinado grupo de pessoas para se colocaram diante da

---

[4] Tumbas que possuem efígie recumbente que se encontra em leve ou avançado estado de decomposição. Embora nos preocupamos aqui com as tumbas inglesas, elas podem ser encontradas em bom número na França e na Itália, e em menor quantidade na Alemanha e nos países Baixos.

[5] Segundo a Encyclopaedia Britannica: “Gisant (French: 'reclining): in sepulchral sculpture, a recumbent effigy representing the person dying or in death. The typical gisant depicts the deceased in 'eternal repose', awaiting the resurrection in prayer or holding attributes of office and clothed in the formal attire of his social class or office." Disponível em: <http://global.britannica.com/art/gisant>, acessado em 27 de setembro de 2016.

sociedade, estabelecendo relações e provocando reações. O espaço urbano é composto pela disputa de sujeitos e de suas respectivas memórias, conseguir preservar-se dentro deste espaço, através dos mais variados dispositivos, no caso desta pesquisa através da cultura material e artística, é parte de uma intenção de preservação de status e poder. Este é exatamente o caso da tumba que analisaremos neste artigo, pertencente ao arcebispo Henry Chichele (*Figura 1*).



Figura 1: Tumba de Henry Chichele. **Fonte:** https://flic.kr/p/dYpa2A , acessado pela última vez em 22 de novembro de 2016.

As tumbas pertencem sempre a pessoas que possuem grande influência social, sejam clérigos ou nobres, havendo alguns exemplos raros de homens que possuem origem burguesa e são economicamente bem-sucedidos, sendo o caso de uma das tumbas que compõe nosso conjunto documental, a tumba de John Barton e Isabella Barton. Devemos considerar o quão dispendioso seria a encomenda de tais tumbas, não apenas pelo local em que se encontram, pois elas são normalmente encontradas dentro de catedrais e algumas em igrejas paroquiais, mas elas também exigem um maior número de esculturas se formos considerar as de duplo nível, custando, portando, o

dobro do preço de tumbas convencionais. O fato de tais tumbas serem alocadas no interior de edifícios religiosos denota o poder social e aquisitivo de tais indivíduos, pois eram espaços de exposição disputados.

Na Inglaterra há restante em torno de 150 exemplos, embora muitas tenham se perdido ou sido depredadas. O monumento mais antigo, preservado na Inglaterra, pode ser visto na Catedral de Lincoln, pertencente ao Bispo Richard Fleming, e o monumento mais moderno em solo inglês, nesta linha artística seria a tumba do poeta John Donne, construída no século XVII (KING, 1987).

As tumbas em questão são repletas de elementos alegóricos, demarcadores simbólicos do status social ocupado, e possuem, em geral, um epitáfio. Pretendemos analisar estas tumbas como um todo, e não privilegiar apenas a *gisant*, mas sim efetuar uma análise do conjunto, permitindo um entendimento do alegórico ao social, deste modo nos afastando de tendências de estudos clássicos, que se focam em partes das composições tumulares em detrimento de outras (HOLLADAY, 2003).

Ao nos apresentar o falecido em estado de decomposição, as tumbas transi fornecem uma imagem muito diferente dos monumentos funerários tradições, onde há uma composição idealizada, que rejeita a realidade do processo decorrente da morte. Estas tumbas são, portanto, um pronunciamento anti-tumba, que não evoca a alma, mas sim o corpo:

> Viewed in context and in time, the transi tomb was a sophisticated anti-tomb, disclosing and glossing that which had been closed and denied over two centuries. The transi tomb now revealed the skeleton in the cupboard of medieval funerary art, namely its denial of the facts of decomposition [...] The transi tomb is 'about' the body and not, in the first instance, the soul: these tombs are designed not to engender memory in the narrow sense, nor prayer, but to provoke, as with the Three Living and the Three Dead, a certain type of response, the pondering of self.[6] (BINSKI, 1996, p. 149-150)

Assim sendo, este estilo de monumentos funerários, possui um importante papel de comunicação e de aproximação entre os vivos e os mortos. A crueza com que mostra a situação do falecido, desperta no observador uma reflexão sobre si mesmo, e a proximidade que existe entre a condição do ausente e seu futuro inevitável. É, assim,

[6] Tradução da Autora: "Visto no contexto e no tempo, a tumba transi era uma anti-tumba sofisticada, revelando e explicando o que havia sido fechado e negado ao longo de dois séculos. As tumbas transi revelam agora o esqueleto no armário da arte funerária medieval, ou seja, sua negação dos fatos de decomposição [...] As tumbas transi são "sobre" o corpo e não, em um primeiro momento, sobre a alma: essas tumbas são projetados que não engendram a memória no sentido estrito, nem oração, mas para provocar, como nos Três Vivos e Três Mortos, um certo tipo de resposta, a reflexão sobre o eu".

um modo de comunicação, de manutenção dos laços entre os vivos e os mortos, algo essencial dentro da sociedade medieval, onde os mortos não saem do mundo dos vivos, mas com eles estabelecem redes de trocas, em uma série de rituais que devem ser respeitados para a manutenção da harmonia entre estas duas categorias de agentes sociais, os que ainda estão no mundo dos vivos e aqueles que agora ocupam o seu lugar no mundo dos mortos (SCHMITT, 1999).

Henry Chichele: seu caminho ao arcebispado

O arcebispo Henry Chichele viveu entre os anos de 1362?[7] até o abril do ano de 1443. Sua ascendência ao poder eclesiástico levou muitos anos, sendo ele filho de um fazendeiro com proeminência política, de nome Thomas Chicheley[8] que chegou a ser prefeito mais de uma vez de Higham Ferrers, em Northamptonshire.

Quanto a sua biografia temos um volume do século XVII dedicado a história de sua vida, escrito por Arthur Duck[9], intitulada *Vita Henrici Chichele archiepiscopi Cantuariensis sub regibus Henrico V et VI*[10], originalmente escrita em latim, mas que hoje possui tradução para a língua inglesa e é possível o acesso online[11]. Mais tardiamente temos uma obra de Oliph Leigh Spencer, publicada no último quarto do século XVIII e intitulada como *The life of Henry Chichelé, archbishop of Canterbury, founder of All Souls college, in the University of Oxford*[12]. Por conta de sua influência e do seu papel ocupado em sua época, sua vida adulta é bem documentada, o que favoreceu seus biógrafos, segundo Spencer "from the elevated rank which he held, and the important fcenes in which he was engaged, he has been incidentally mentioned in

---

[7] A data de seu nascimento varia nas documentações entre os anos de 1342, 1343 e 1344, não havendo, portanto, certeza absoluta do ano de seu nascimento.
[8] Maiores informações genealógicas sobre seu pai e sua família podem ser encontradas através do link: < https://www.geni.com/people/Thomas-Chicheley/4588566971800072387#/tab/source>, acessado pela última vez em 17 de novembro de 2016.
[9] Advogado e membro do Parlamento Inglês, viveu entre os anos de 1580 e 1648. Entre suas obras, uma de grande importância é a biografia dedicada ao arcebispo Henry Chichele.
[10] Tradução da Autora: "A vida de Henry Chichele, arcebispo de Canterbury, que viveu nos tempos de Henry V e Henry VI, Reis da Inglaterra".
[11] Para acessar a biografia escrita por Arthur Duck, utilize o link: < http://quod.lib.umich.edu/e/eebo/A36743.0001.001/1:4?rgn=div1;view=toc> acessado pela última vez em 17 de novembro de 2016.
[12] Tradução da Autora: "A vida de Henry Chichele, arcebispo de Canterbury, fundador do *All Saints College* na Universidade de Oxford".

moft of the hiftories and public records of the age in which he lived"[13] (SPENCER, 1783, p. 9).

A sua infância, no entanto, é pobremente documenta, o suficiente para que não possamos falar a respeito, mas nasceu e criou-se em Higham Ferrers. Aparece na documentação já mais velho, sendo que o registro mais antigo que temos é de 1387, uma lista do salão de janta dos alunos do New College, em Oxford. Fora para New College presumidamente para estudar artes, e mais tardiamente direito civil, sendo que em 1389 já é citado no período escolar de Michaelmas[14] como estudante de bacharelo em direito civil, e novamente é citado na mesma condição em 1393. Ao que tudo indica foi aceito como Doutor em Direito Civil em 1396, em um período que já estava praticando nas cortes eclesiásticas, embora não tivesse se qualificado em direito canônico. Todavia sua perícia nesta área era inegável (CATTO, 2004).

Simultaneamente a sua formação, Henry inicia sua caminhada de ascensão dentro dos cargos eclesiásticos. Em 1392 fora ordenado como subdiácono pelo bispo sufragêneo de Londres, tornando-se diácono em 26 de maio e logo padre em 23 de setembro de 1396. Neste período encontra-se na Corte de Canterbury, a corte eclesiástica de maior prestígio no século XIV. Seu sucesso em Canterbury lhe garantiu aliados importes e cargos, como o de vigário-geral de Richard Medford, bispo de Salisbury, entre os anos de 1397 e 1407, quando Medford falece (CATTO, 2004).

Seu cargo como vigário lhe garantiram diversas beneces e prebendas[15], tais como Great Brington, Northamptonshire (1400), Ratfyn (1397), incluindo diversas nomeações, como a de Arquidiácono de Dorset em 1397. Todas as suas conexões e influência conquistada eventualmente o levaram a trabalhar à serviço da realeza. Em janeiro de 1404 foi enviado para se unir a Cúria Romana, sendo que em 1405 já iniciava uma carreira diplomática ao partir em serviço ao Papa Inocêncio VII, em busca de uma paz duradoura que colocaria um fim ao Grande Cisma Ocidental, através do arranjo do casamento do príncipe Henry com a princesa francesa Mary, plano que fora frustrado

---

[13] Tradução da Autora: "Do grau elevado que ocupava, e das cenas importantes em que estava engajado, foi mencionado incidentalmente na maior parte das histórias e registros públicos da época em que ele viveu".

[14] Primeiro período acadêmico utilizado nas universidades inglesas. Sua nomenclatura origina-se do Festival de St. Michael e Todos os Anjos, que ocorre em 29 de setembro. Esta datação acadêmica abarca o período entre setembro e/ou outubro até o Natal.

[15] Benefícios dados pelo Estado à particulares por conta de serviços prestados. Se traduz em rendas ligadas a um canonicato, sendo seu benefício.

quando esta tornou-se uma freira em Poissy. Seu envolvimento na questão do Cisma continuou conforme os anos se passaram, chegando a representar a Coroa e a província de Canterbury no Concílio de Pisa, que ocorreu em 1409.

Seus esforços junto a Inocêncio para aplacar a crise não foram ignorados. Fora então enviado ao novo Papa, Gregório XII. Sua aproximação ao papado acaba por lhe render o bispado de St. David em 1407, quando falece o Bispo Guy Mone, sendo que Henry acaba consagrado em 1408, embora já usufruísse dos benefícios de seu novo bispado desde o dia do falecimento de Mone. As conexões alimentadas por Henry, e suas contribuições à coroa inglesa e ao papado, o levaram eventualmente ao arcebispado. Segundo Catto (2004):

> He was undoubtedly the king's choice as Archbishop Thomas Arundel's successor at Canterbury, and the ground had been well prepared for Chichele's election by the chapter on 12 March 1414, three weeks after Arundel's death; Pope John XXIII provided him to the see on 27 April without objection. For nearly thirty years Chichele would embody the principle of vigorous leadership of the English church by lay and ecclesiastical ministers acting in concert[16] (CATTO, 2004, n.p.)

Durante o período em que foi arcebispo, como nos salienta Catto, ele manteve como um princípio norteador a manutenção de laços estreitos entre o poder espiritual e temporal, de modo que continuou como membro do Conselho, inclusive o chefiando na ausência do rei em 1415. Manteve-se envolvido em reuniões com príncipes e liderando questões diplomáticas, relativo inclusive a assuntos de guerras, participando de diversas delegações, além de diversos empréstimos fornecido por Henry à Coroa da Inglaterra.

Além de seu papel de diplomata e seu profundo envolvimento com as questões políticas, como arcebispo ele conduziu um rígido controle contra heresias, liderando processos inquisitoriais e o combate aos heréticos, inclusive protagonizando ações contra o avanço do Lollardismo em 1428 (SPENCER, 1783). O Lollardismo foi uma ameaça muito grande tanto à autoridade como à ortodoxia de Henry, assim destacamos alguns pontos de sua ação contra o surgimento ou o crescimento herético:

> His measures were directed to standardizing and refining procedure, with the most important trials conducted during convocation with the utmost publicity. In 1416 he allowed bishops either to try cases themselves, with the penalty of life imprisonment for convicted offenders, or to bring them before

[16] Tradução da Autora: “Ele foi sem dúvida a escolha do rei como sucessor do arcebispo Thomas Arundel em Canterbury, e o terreno estava bem preparado para a eleição de Chichele para o episódio em 12 de março de 1414, três semanas após a morte de Arundel; O Papa João XXIII forneceu-o a diocese no dia 27 de abril sem objeção. Por quase trinta anos, Chichele encarnou o princípio da liderança vigorosa da igreja inglesa por ministros leigos e eclesiásticos atuando em união”.

> the provincial council, with a set procedure grounded in the canon-law rules perfected in the thirteenth century. The process eventually resulted in a standard questionnaire, drawn up in 1428 by Chichele's chancellor, Thomas Brouns (d. 1445). The most notable Lollard suspects, including Richard Wyche, William Taylor, Robert Hoke, and Ralph Mungyn, were tried by this procedure, which succeeded in driving any remaining Lollard teachers, if they persisted, into obscurity[17]. (CATTO, 2004, n.p.)

Uma de suas maiores construções fora o *All Souls College* [18]em Oxford, que se encontra em funcionamento até os dias atuais. O mesmo fora construído com o apoio de Henry VI, em 1438. Na instituição se ensinava artes, filosofia, teologia, lei civil e canônica e todos os seus estudantes deveriam eventualmente ser ordenadas à um ministério, através de atribuição de Ordens Sagradas. Desta forma, o objetivo era fornecer para a Inglaterra um contingente de clérigos instruídos, tanto para que estivessem a serviço da Igreja quanto do governo.

Em 1439 sua saúde começava a se deteriorar, e já era necessário o auxílio de uma bengala para sua locomoção, de modo que em 1442 ele solicitou licença para renunciar à sua sé. O Papa relutou em atender ao seu pedido, e em 1443, antes que ele pudesse ser atendido, Henry faleceu em 12 de abriu. Desta forma, Henry faleceu ainda a serviço da Igreja e da Coroa, como viveu boa parte de sua vida.

Embora algumas biografias ressaltem sua origem "humilde" as fontes indicam que seus familiares ocupavam locais de influência, nem que fosse em termos locais como o seu pai em Higham Ferrers. Seus irmãos alcançaram posições de poder muito mais amplas, sendo que Robert Chichele foi *Lord Meyor of London*[19] e seu outro irmão, William Chichele ocupou o cargo de *Senior Sheriff of London*[20]. Sendo assim, pensar

17 Tradução da Autora: "Suas medidas foram direcionadas para a refinação e padronização dos procedimentos, com os julgamentos mais importantes realizados durante a convocação com a maior publicidade. Em 1416 ele permitiu que os bispos ou julgassem os casos, com pena de prisão perpétua para os condenados, ou que os levassem perante o conselho provincial, com um procedimento estabelecido com base nas regras de direito canônico aperfeiçoado no século XIII. O processo acabou resultando em um questionário padrão, elaborado em 1428 pelo chanceler de Chichele, Thomas Brouns (d. 1445). Os mais notáveis suspeitos de Lollardismo, incluíram Richard Wyche, William Taylor, Robert Hoke e Ralph Mungyn, que foram julgados por este procedimento, cujo sucesso conseguiu conduzir os restantes dos mestres do Lollardismo, se persistiam, à obscuridade".

18 Site da instituição para maiores informações: https://www.asc.ox.ac.uk/, acessado pela última vez em 13 de novembro de 2016.

19 É o prefeito da cidade de Londres e líder da corporação de Londres. Possui precedência perante todos os indivíduos da cidade, com exceção do monarca. Junto com o título vinham diversos poderes tradicionais, assim como direitos, privilégios e honrarias.

20 Cargo que existe até os dias atuais, mas que não possui as atribuições tradicionais, sendo um título nominal. No medievo o xerife sênior possuía importante papel na vida jurídica das cidades, atendendo às cortes e participando das resoluções dos problemas locais. Nas cortes a cadeira principal era reservada ao xerife e ao prefeito.

que Henry advinha de um ambiente extremamente humilde não parece condizer com os locais acessados pelos seus familiares e por ele mesmo.

Materialidade, imagem e memória

O trabalho do historiador Jean-Claude Schmitt destaca que, há diferenças basilares entre a nossa produção de imagens e, portanto, de seu impacto. Ele salienta que vivemos em uma época de imagens móveis (cinema, televisão, etc), em contraposição às imagens imóveis produzidas pelos medievais. Há no medievo uma relação distinta entre figura e o fundo, diferente dos usos da perspectiva ao qual estamos acostumados e, sobretudo, a imagem medieval não "*representa*", ela "*presentifica*" (SCHMITT, 2006). A iconografia religiosa "is an agent of the Real Presence. In this sense the icon is not a picture to be looked at, but a window through which the unseen world looks into ours"[21] (HOWES, 2007, p. 6). Deste modo, temos que compreender os processos de recepção da imagem medieval de modo diferenciado, pois ela causa reações distintas pelo seu poder de tornar presente uma ausência, personificando a santidade através da sua corporificação imagética.

Nesta linha, devemos destacar o conceito de *imagem-corpo*, elaborado por Jean-Claude Schmitt, que salienta o fato das imagens possuírem o poder de gerar reações, tanto de amor quanto de ódio:

> Em vários manuscritos, as miniaturas que figuram o Diabo foram raspadas, como se os leitores tivessem pretendido apagar para sempre o olhar malévolo que os ameaçava. Algumas imagens eram consideradas como 'pessoas', não como a imagem de São Tiago, mas como o próprio São Tiago. Tais imagens não eram vistas como inertes, aos fiéis que se dirigiam a elas pareciam responder fazendo um sinal com os olhos ou com a cabeça, chorando, sangrando, as vezes até falando. Proponho chamá-las de 'imagem-corpo'. Nem todas as imagens estavam assim dotadas de uma aparência de corporeidade, de vida e de poder milagroso. Mas não se podia prejulgar a capacidade de alguma delas tornar-se imagem-corpo, pois tudo era função das expectativas que a imagem era capaz de satisfazer e dos interesses econômicos, políticos, dinásticos, etc., aos quais a posse de uma imagem milagrosa podia localmente servir. (SCHMITT, 2006, p. 599).

Em outras palavras, certas imagens suscitam reações fortes nos seus expectadores, que estão ligados a elas por sistemas de crenças e por sistemas simbólicos.

---

21 Tradução da Autora: "É um agente Real da Presença. Neste sentido, o ícone não é uma imagem a ser olhada, mas uma janela através da qual o mundo invisível olha para o nosso".

Há também aspectos da imagem medieval ligados ao seu uso, vinculados à sua materialidade e ao modo como ela se insere fisicamente na sociedade, o que Jérôme Baschet define como "*imagem-objeto*". Para o autor, as imagens estão intrinsecamente ligadas ao seu papel nos cultos, à sua utilização ritual, que lhes confere valor simbólico. Sob esse aspecto, as imagens se tornam instrumentos da difusão dos cultos, são assim funcionais em sua essência: "Il n'y a pas d'image au Moyen Age qui soit une pure représentation. On a le plus souvent affaire à un *objet*, donnant lieu à des usages, des manipulations, des rites"[22] (BASCHET, 1996, p. 8). Podemos ver, portanto, outra função do objeto visual, aquela que não gera apenas reações, mas que é manipulado, utilizado, incorporado às práticas sociais e assim imbuído de significados e de importância.

Por fim, temos o conceito proposto por Jean-Claude Bonne, "*imagem-coisa*". Para o autor há imagens que não são alegorias, destacando-se neste aspecto o valor ornamental da imagem:

> O ornamental se caracteriza por ser, sobretudo, muito mais que um tipo de forma, mas um modo de funcionamento das formas, de maneira que podemos falar em 'ato ornamental'. Ele é a capacidade que as formas possuem de assumir diversas funções (BONNE, 1996, pp. 215-216), de fazer sistema e agir na imagem e/ou sobre os outros motivos de diversas maneiras: modulando, graduando, ritmando, hierarquizando, dentre outras. O ornamental não se desenvolve à margem ou ao lado da representação, mas se articula com ela e participa de sua estrutura. Esse ato ornamental possui uma transversalidade, a capacidade de agir sobre os mais diversos elementos de uma imagem, inclusive os iconográficos, em diversos níveis de articulação. (SANTOS, 2014, p. 4)

Por este viés, a questão estética entra em evidência e ela pode revelar diversos aspectos da imagem, que antecedem a recepção ou o uso. Aqui a imagem é valorizada no momento da produção, enquanto os dois conceitos anteriormente citados se debruçam mais sobre os aspectos da recepção.

Compreender a função - em um sentido único - da arte ou da imago medieval se torna algo ingrato, ao nos depararmos com a diversidade de locais em que é utilizada e com a variedade de finalidades. Mesmo se estudarmos apenas pinturas murais, para delimitarmos um objeto específico, estaremos diante da exposição de diversas temáticas, com as mais variadas funções, e com uma diversidade de estilos que variam de região para região (quando não dentro de uma mesma região), de período, e que também dependia das preferências dos patronos e das particularidades dos artistas.

---

[22] Tradução da Autora: "Não há na Idade Média imagem que seja pura representação. Normalmente lidamos com um *objeto*, resultante dos usos, manipulações e ritos. "

Portanto, propomos que as imagens a seguir sejam compreendidas dentro da ótica proposta por Schmitt, e sempre levando em consideração o poder da materialidade pura, das escolhas feitas para que elementos imateriais ganhem corpo na escultura funerária de Henry Chichele.

A materialidade da memória de Henry ultrapassa os limites de sua tumba transi, sendo também presente nos diversos edifícios que foram edificados no período de seu arcebispado. Muitas construções ainda hoje utilizadas em Higham Ferrers foram erguidos a pedido de Henry, porém em nosso artigo iremos nos focar nos elementos de sua tumba que são construções diretas para a manutenção de sua memória.

Sua tumba transi (*Figura 2*) encontra-se na Catedral de Canterbury e foi construída muitos anos antes de sua morte, entre os anos de 1424 e 1426, em um local destacado entre o coro superior e o coro do deambulatório, adjacente ao transepto nordeste. Muitas restaurações foram feitas na tumba no decorrer dos anos, havendo duas principais, a primeira no século XVII, entre os anos de 1663-1664, e a segunda no século XIX, entre os anos de 1897 e 1899 (SMITH, 2015). Boa parte das restaurações se deram para reparar danos causados durante a Reforma Protestante, responsável por



Figura 2: Dois níveis escultóricos da tumba de Henry Chichele. **Fonte:** https://flic.kr/p/dmUxds , acessado pela última vez em 23 de novembro de 2016.

uma perda material imensa para a Igreja Católica na Inglaterra.

Sobre a tumba de Chichele, Paul Binski destaca que "it was erected well before his death, and is positioned opposite the archiepiscopal seat in such a way that Chichele could have pondered his own tomb in life as a memento mori[23], a self-address. Chichele's upper effigy is shown in full pontificals"[24] (BINSKI, 1996, p. 143).

Na tumba lemos o seguinte epitáfio:

> *Pauper eram natus post Primas hic relevatus. Iam sum prostratus, et vermibus esca paratus. Ecce meum tumulum. Cerne tuum speculum. Quisquis eris qui transieris, rogo michi memoreris. Tu qui eris michi consimilis, qui post moriesis. Omnibus horribilis. Pulvis, vermis et caro vilis*[25].



Figura 3: Escultura cadavérica de Henry Chichele. **Fonte:** https://flic.kr/p/8Nvg5X, acessado pela última vez em 20 de novembro de 2016.

Eis então um pequeno resumo da vida de Henry, seu *cursus vitae*[26], e o destaque ao seu trágico destino. A sua vida, brevemente resumida poderia ser a de qualquer um, mas o seu fim é o de todos. Ao fazer este contato de correspondência com aqueles que o

---

23 Expressão latina que pode ser traduzida como "Lembre-se da morte" e compõe uma série de variações artísticas dedicadas à lembrança da mortalidade humana.

24 Tradução da Autora: "Foi erguida bem antes de sua morte, e é posicionada oposta ao assento arcebispal de tal maneira que Chichele poderia ponderar seu próprio túmulo em vida como um *memento mori*, uma visão de si mesmo. A efígie superior de Chichele é mostrada com os trajes episcopais completos"

25 Tradução da Autora: "Eu era um pobre nascido, então para o arcebispado fui elevado, agora eu sou cortado e servido para vermes ... eis a minha sepultura. Quem quer que você seja, que passará, peço a sua lembrança, você que será como eu depois de morrer: horrível em todas as coisas, poeira, vermes, carne perversa".

26 Ciclo vital medieval: *Natus, Elevatus, Prostratus, Paratus*.

observam, temos um fenômeno imagético bem popular do fim da Idade Média, o *cerne tuum speculum*[27] (BINSKI, 1996). Embora em seu epitáfio sejam destacadas as figuras de vermes e seres pútridos, naturais ao processo de decomposição, em sua efígie estes não são representados. Sua escultura cadavérica (*Figura 3*) é representada como um cadáver ressequido, e não um ser que se encontre em um processo de decomposição viscosa, não sendo representado de modo verdadeiramente repugnante. Estas representações mais viscerais do processo de putrefação são típicas da arte francesa, não sendo comumente encontradas em tumbas transi inglesas. Ele é representado nu, desprovido de qualquer símbolo de seu poder em vida, com uma túnica funerária que se abre em torno de seu corpo, revelando o seu cadáver.

A imagem do cadáver de Henry, logo abaixo de seu corpo político nos mostra a passagem de um extremo ao outro, no nível superior temos o arcebispo no auge de seu esplendor, no nível inferior a decadência da realidade de seu corpo. Esta mudança brutal auxilia no processo de memorização. Sobre imagem e memória, Thomas Bradwardine nos diz:

> Their quality truly should be wondrous and intense, because such things are impressed in the memory more deeply and are better retained. However such things are for the most part not average but extremes, as the most beautiful or ugly, joyous or sad, worthy of respect or something ridiculous for mocking, a thing of great dignity or vileness, or wounded with greatly opened wounds with a remarkably lively flowing of blood, or in another way made extremely ugly, strange of clothing and all bizarre of equipment, the color also very brilliant and intense, such as intense, fiery red, and the whole color strongly altering the appearance. The whole image also should have some other detail or movement, that thus more effectively than through what is routine or at rest, the may be commended to memory (BRADWARDINE *apud* CARRUTHERS, 2008, p. 282).

Aqui o papel da materialidade de sua tumba, a capacidade do artesão de compor imagens realistas que tragam corporeidade à imagética criada, é central. A condição realista torna ainda mais chocante a visão do cadáver de Chichele, e seu contraste com a beleza representada no compartimento superior é elevado pelo uso de cores, pelo traço do artista e seu talento escultórico. O próprio local ocupado pela tumba dentro da igreja lhe concede ainda mais importância e exuberância, que junto com a riqueza dos materiais e dos motivos esculpidos ou pintados, acaba por ressaltar ainda mais a memória do arcebispo. Assim, podemos compreender o papel fundamental que o grotesco fornece para a manutenção da memória do indivíduo, é um método da manutenção de sua imagem memorial.

---

[27] Admire a si mesmo.

A tumba de Henry, desde o seu falecimento, um monumento a sua memória, também cumpriu um outro papel no período em que era contemplado pelo seu próprio patrono: ao deparar-se com seu fim, ao contemplar seu cadáver, Chichele vivia o poema *De Tribus Regibus Mortuis* [28] (*Figura 4*). Temática recorrente na arte medieval, principalmente após o período da Grande Mortandade, a sua origem chegou a ser traçada até o *Dit des trois morts et des trois vifs* de Baudoin de Condé, em 1280 (ROSS, 1996).



Figura 4: Os Três Mortos em Raunds. **Fonte**: https://flic.kr/p/mXFEbg, acessado pela última vez em 21 de novembro de 2016.

O poema tem início com três reis numa caçada a um javali dentro de uma floresta. Eles se perdem de seu séquito por conta de uma névoa misteriosa. E se deparam, com espanto e pavor, com três figuras cadavéricas em avançado estado de putrefação. Diante do pavor dos vivos, os mortos declaram que não são demônios, mas sim três antigos reis, seus antepassados, cujas memórias não estão sendo respeitadas e nem as missas por suas almas sendo executadas. Eles sofrem pelos prazeres da vida, e alertam: assim como eles se encontram, logo se encontrarão os reis vivos. O foco do

---

[28] A lenda dos três reis mortos é narrada em um poema cujo nome latino é *De Tribus Regibus Mortuis*. Consiste na narrativa do encontro na floreste de três reis com três cadáveres, pertencendo ao gênero literário do *memento mori*, muito popular entre os séculos XIV e XV na Inglaterra. Uma versão do século XIV deste poema pode ser consultada no manuscrito Yates Thompson MS 13, digitalizado pela British Library, através do link: http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Yates_Thompson_MS_13, acessado pela última vez em 19 de julho de 2016.

poema salienta a transitoriedade da vida terrena e a importância com o respeito da memória dos falecidos.

Podemos então, fazer esta associação entre o poema e a tumba de Henry, pois durante diversos anos ele vivenciava o encontro na floresta, e de certa forma, aqueles que o presenciam também o fazem, pois, sua tumba é um convite a reflexão sobre este destino inevitável, ele se pretende um espelho de uma condição inelutável a todos os seres humanos.

Todavia, mesmo mostrando a decadência de seu corpo físico, a tumba resplandece de ricos detalhes. A parte mais ornada de todo o conjunto tumular é o dossel que é sustentado por colunas cravadas de pequenas esculturas. A riqueza de materiais é estonteante, assim como a riqueza nos detalhes esculpidos.

No dossel, (*Figura 5*) temos uma série de figuras angelicais, que seguram diversos brasões, todos fundamentais na trajetória de Henry: da esquerda para a direita temos o brasão da família de sua mãe, Agnes Pincheon; o brasão do New College, de Oxford; o brasão da diocese de St. David; seguido pelo brasão do Arcebispo de Canterbury; por fim o brasão do All Souls College. Podemos ver que há uma linearidade cronológica da biografia de Henry na distribuição dos brasões, desde sua origem, que ressalta a o lado de linhagem mais nobre de sua família, no caso, a materna, até chegarmos à sua maior conquista que foi a construção do All Soul College.



Figura 5: Brasões no dossel da tumba de Henry Chichele. **Fonte:** https://flic.kr/p/9drhXR, acessado pela última vez em 23 de novembro de 2016.

Além da iconografia que narra a vida de Henry, temos ao longo da laje superior da sua tumba a seguinte inscrição:

> *Hic iacet Henricus Chichele, Legu(m) Doctor, qu(on)da(m) cancellari(us) Sar(um), qui a(nno) VII Henrici iiii Regis ad Gregori(um) p(a)p(a)m XIIm in Ambassiata t(ra)nsmissus in Civitate Senensi p(er) man(us) ejusd(em) p(a)p(a)e in Menevensem ep(isccopu)m consecrat(us) est./ Hic etia(m)*

Henricus anno ii° Henrici Vo Regis in hac s(an)c(t)a eccl(es)ia in Archiep(iscopatu)m postulat(us) et a Joh(an)ne p(ape) p(ontificis) XXIII ad eand(em) translat(us) qui obiit A(nno) d(omi)ni mill(es)imo CCCC xliii Mensis Aprilis die xii./ Cetus sanctor(um) concorditer iste precetur; Vt deus ipsor(um) meritis sibi p(ro)picietur[29].

Assim sendo, temos em sua tumba um monumento à sua vida, mas que também comemora à sua morte, salientando o seu estado natural, que o coloca em par de igualdade com qualquer pessoa que admire a sua escultura. Podemos perceber claramente a correlação estabelecida entre o que temos de informação escrita na tumba com os elementos visuais: na parte superior temos a inscrição supracitada, salientando os seus maiores feitos, como legenda para a escultura triunfante de Henry; na parte inferior um epitáfio mórbido, que ressalta e se relaciona com a escultura cadavérica.

Concluindo, as escolhas iconográficas que encontramos no sepulcro de Henry salientam a sua existência, ao passo que nos narra as suas grandes conquistas e cria uma narrativa biográfica linear de seus méritos. Ao mesmo tempo, destaca a sua condição humana e o coloca em um patamar de igualdade com qualquer indivíduo que a contemple, pois, a dramaticidade como a realidade da mortalidade é apresentada, e o processo de putrefação comum e obrigatório a todos, cria um manifesto à humildade e uma crítica à Soberba.

A ligação de empatia estabelecida e o recurso memorial utilizando o macabro e o espanto para manter a memória de Henry explícita na sociedade, pode ser entendido através do conceito de *Memorialbild* (imagem memorial) de Horch que define que para que se constitua em tal deve cumprir quatro funções: estabelecer uma comunidade entre os vivos e os mortos; indicar a presença do morto na sociedade; lembrar dos deveres recíprocos entre os vivos e os mortos; garantir que se dê a performance de tais deveres no futuro (HORCH, 2001, p.15).

Os diversos aparatos memorias, sejam os libri memoriales ou os elementos tumulares, criam uma comunidade, onde ritos são mantidos para o bem-estar tanto dos que estão no plano terreno, como dos falecidos:

> Die Kommemoration lebender und verstorbener Personen, verbunden mit Gebet, mit Fürbitte und Interzession für diese, war ein Element der Liturgie

---

[29] Tradução da Autora: "Aqui jaz Henry Chichele, doutor em Leis, outrora Chanceler de Salisbury. No sétimo ano do reinado de Henry IV [1406] foi enviado como embaixador ao Papa Gregório XII na cidade de Siena, e foi consagrado ao Bispado de Menevia [St. David] pelas mãos do mesmo Papa. O dito Henry, no segundo ano do reinado de Henry V [1415] foi nomeado para o Arcebispado nesta santa igreja, e foi comutado pelo Papa João XXIII. Faleceu em 12 de abriu de 1443. A comunidade de santos reza em uníssimo para que Deus possa ser apaziguado pelos seus méritos. "

> seit ältesten Zeiten, für das Christentum begründet in Anweisungen der Schriften des Neuen Testaments und entfaltet unter Anknüpfung an die älteren jüdischen Formen vder Fürbitte. In der christlichen Liturgie begegnet Fürbitte im Wortgottesdienst, in der sogenannten oratio fidelium, und vor allem in der eigentlichen Mahlfeier, hier insbesondere in Gestalt der Memento-Gebete für Lebende und Tote[30] (OEXLE, 1976, p. 71)

A manutenção dos deveres e da comunidade através de artifícios memoriais, justifica tamanho empreendimento na construção tumular, e na extravagância que vemos na tumba transi do Arcebispo de Canterbury, pois ela significa a continuidade de sua presença em seu meio social e é ao mesmo tempo, um mecanismo para memorar e também para estabelecer uma comunicação.

Considerações Finais

A tumba de Henry Chichele é um monumento à sua memória, que através das escolhas iconográficas traçam um caminho biográfico específico. Além de fornecer os elementos para a manutenção de sua memória no mundo social, também é um agente que conecta o falecido àqueles que contemplam o seu sepulcro, servindo como um espelho de reflexão sobre a própria efemeridade existencial de cada indivíduo. Ela cumpre um papel social importantíssimo, de manutenção dos laços entre os vivos e os mortos, garantindo a manutenção de ritos e de trocas entre o Além e o mundo terreno, e mantendo a presença dos mortos no mundo habitado pelos vivos.

Referências Bibliográficas

BASCHET, J. Introdução: a imagem-objeto. In: SCHMITT, J.-C.; BASCHET, J. **L'image:** Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval. Tradução Maria Cristina Pereira. ed. Paris: Le Léopard d'Or, 1996. p. 7-26.

BINSKI, P. **Medieval Death:** Ritual and Representation. New York: Cornell University Press, 1996.

CATTO, J. Chichele, Henry (c.1362-1443). **Oxford Dictionary of National Biography**, 2004. Disponivel em: <http://www.oxforddnb.com.sci-hub.cc/view/article/5271>. Acesso em: 20 novembro 2016.

---

[30] Tradução da Autora: "A comemoração de pessoas vivas e falecidas, ligadas à oração, com intercessão e por elas, foi para o cristianismo um elemento da liturgia desde os tempos mais antigos, baseado em instruções das Escrituras do Novo Testamento e desenvolvido com referência às antigas formas de intercessão judaicas. Na liturgia cristã, a intercessão ocorre no serviço de adoração de palavras, no chamado oratio fidelium, e sobretudo nas próprias comemorações, aqui na forma das orações pelos vivos e pelos mortos".

DUCK, A. The life of Henry Chichele, Archbishop of Canterbury, who lived in the times of Henry the V. and VI. Kings of England written in Latin by Arth. Duck. **Early English Books**, 1699. Disponivel em: <http://name.umdl.umich.edu/A36743.0001.001>. Acesso em: 17 Novembro 2016.

HOLLADAY, J. A. Tombs and Memory: Some Recent Books. **Speculum**, v. 78, n. 2, p. 440-450, 2003.

HORCH, C. **Der Memorialgedanke und das Spektrum seiner Funktionen in der Bildenden Kunst des Mittelalters**. Königstein: Langewiesche, 2001.

HOWES, G. **The Art of the Sacred:** An Introduction to the Aesthetics of Art and Belief. Londres: I. B. Tauris, 2007.

LAUWERS, M. Morte e Mortos. In: GOFF, J. L.; SCHMITT, J.-C. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC, v. II, 2006. p. 243-261.

MEARS, R. Mayor's son who became an Archbishop. **Rushden Research**, 2012. Disponivel em: <http://www.rushdenheritage.co.uk/Villages/HF/HF-CoHeritage-Chichele.html>. Acesso em: 12 novembro 2016.

OEXLE, O. G. Memoria und Memorialüberlieferung im früheren Mittelalter. **Frühmittelalterliche Studien**, v. 10, p. 70-95, 1976.

ROSS, L. **Medieval Art:** a topical dictionary. Westport, Connecticut e Londres: Greenwood Press, 1996.

SCHMITT, J.-C. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHMITT, J.-C. Imagens. In: GOFF, J. L.; SCHMITT, J.-C. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Edusc, v. 1, 2006. p. 591-605.

SCHMITT, J.-C. **O Corpo das Imagens:** ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. São Paulo: EDUSC, 2007.

SMITH, L. **Canterbury cathedral, the medieval monuments**. [S.l.]: Unpublished note, 2015. Disponivel em: <http://www.canterbury-archaeology.org.uk/res-medieval-tombs/4591562008>. Acesso em: 20 setembro 2016.

SPENCER, O. L. **The life of Henry Chichelé, archbishop of Canterbury, founder of All Souls college, in the University of Oxford**. Londres: J. Walter, 1783.